

**A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO E DA
COMPREENSÃO NA CONVERSA, MOSTRADA EM
PROCEDIMENTOS META-ENUNCIATIVOS / *THE
CONSTRUCTION OF MEANING AND UNDER-
STANDING IN CONVERSATION REALIZED IN META-
ENUNCIATIVE PROCEDURES***

*José Gaston Hilgert**

Resumo: Quando duas pessoas conversam, elas necessariamente tratam de um tema, isto é, falam sobre um assunto ou sobre alguém. Por isso se diz que a conversa é uma interação tematicamente centrada. Cada falante envolvido numa conversa, ao se manifestar e, assim, contribuir com o desdobramento do tema em pauta, precisa construir o seu enunciado de tal forma que seus interlocutores o compreendam, ou seja, entendam o sentido do que diz. Não houvesse a possibilidade da compreensão, o processo de interação social pela conversa nem se instalaria. Por isso, ao explicitar o sentido, o falante constrói ao mesmo tempo a compreensão para os seus interlocutores. Nessa perspectiva, construir o sentido é construir a compreensão, na medida em que o falante, implícita ou explicitamente determinado pelo ouvinte na interação em curso, inscreve em seu enunciado as condições de compreensibilidade. O sentido se constrói por meio

* Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie-UPM/São Paulo/SP/Brasil. Pesquisador 2 do CNPq; gastonh@uol.com.br

de toda e qualquer manifestação verbal ou não verbal inerente ao desdobramento conversacional. Contudo este artigo – produto de um projeto de pesquisa mais amplo que investiga o sentido e a compreensão na conversação - restringe-se ao trabalho interativo dessa construção, *mostrado* em procedimentos meta-enunciativos, ou seja, em manifestações em que os falantes comentam e avaliam, em suma, moldam o seu próprio dizer.

Palavras-chave: compreensão; enunciação; interação; meta-enunciação; sentido.

***Abstract:** Whenever a conversation takes place, people necessarily deal with a theme, in other words, they talk about something or someone. That is the reason why conversation is seen as a theme-centered interaction. Each participant of a talk, in order to manifest his thoughts, and therefore contribute to the unfolding of the topic in discussion, is supposed to elaborate an utterance in such a way that it is completely understood by his interlocutors, that is, they need to be able to apprehend the meaning of what was said. The social interaction by the means of conversation would not happen without the possibility of understanding. That is why the speaker, while explaining the meaning, builds the comprehension for his interlocutors. In this perspective, build up meaning is to build up comprehension, considering that the speaker, implicitly or explicitly determined by the listener, inscribes the conditions for comprehensibility in his utterance. The construction of meaning is a process which involves any verbal or nonverbal expression intrinsic to conversational unfolding. Nevertheless, as a result of a wider research project which investigates meaning and understanding in conversation, this paper is only concerned with the interactive work of this construction, realized in meta-enunciative procedures, that is, in expressions in which the speakers comment and evaluate, in short, in which they shape their own statements.*

Keywords: understanding; enunciation; interaction; meta-enunciation; meaning.

Introdução

Quando se fala em construção faz-se referência a um processo, a uma ação, a um trabalho de transformação e mudança. A ideia de construção implica, então, passagem de um estado **A** para um estado **B**, do estado de não existência para o de existência, do incompleto para o completo ou mais completo, do projetado para o concretizado. Enfim, as naturezas dos percursos de transformação e mudança são tantos quantos são os âmbitos em que o ser humano atua como sujeito transformador e criador.

Todo processo de construção implica necessariamente: um objeto de construção, isto é, aquilo que se constrói; um sujeito da construção, ou seja, aquele que constrói; e os procedimentos de construção, que envolvem tanto os recursos usados quanto os modos e modelos adotados pelo sujeito para construir o objeto.

O objeto de construção a ser focalizado neste artigo é o *sentido* na conversa, e o objetivo do trabalho é mostrar como os falantes nela envolvidos procedem para construir sentidos e, conseqüentemente, a intercompreensão. Em termos mais específicos, esse objetivo consiste em identificar e descrever manifestações linguístico-discursivas que evidenciam, em situações de interação, a construção de sentidos e a busca da compreensão, por meio de procedimentos meta-enunciativos.

Portanto, dos três fatores inerentes a todo processo de construção mencionados, o presente trabalho voltará atenção específica ao terceiro. Os outros dois, no entanto, precisam receber a consideração devida, pois somente com base no conhecimento sobre eles se poderá explicar e entender como os participantes de uma conversa produzem interativamente os sentidos que garantem a intercompreensão e, assim, sustentam a comunicação em curso.

No desenvolvimento deste trabalho trataremos, então, primeiramente, do *sujeito* da construção dos sentidos, inserindo esta abordagem numa breve retomada da noção de conversa. A seguir, no contexto desse primeiro tópico, definiremos a noção de *construção do sentido* e de *busca da compreensão*, considerando esta última um processo inerente a essa construção. E, por fim, visando ao nosso objetivo específico, focalizaremos manifestações linguístico-discursivas explícitas de construção dos sentidos e da compreensão, no âmbito das atividades meta-enunciativas dos interlocutores.

1 O sujeito da enunciação na conversação

O uso da linguagem é sempre uma instância de enunciação instituída pela interação entre enunciador e enunciatário na realização de suas práticas sociais e, ao mesmo tempo, constituinte dessa interação (BAKHTIN, 2003 e 2010). No processo da enunciação, o enunciador é determinado pelo enunciatário¹, o qual, por obra dessa determinação, se torna co-enunciador. No dizer de Greimas e Courtés (2008: 171): “... o enunciatário não é apenas destinatário da comunicação, mas também sujeito produtor do discurso (...).” E logo adiante, no mesmo verbete, afirmam: “O termo ‘sujeito da enunciação’, empregado frequentemente como sinônimo do enunciador, cobre de fato as duas posições actanciais de enunciador e de enunciatário”.

A co-enunciação acontece na medida em que o enunciador considera, na construção do enunciado, o que sabe ou supõe saber do enunciatário, baseado tanto em pressupostos culturais quanto em conhecimentos concretos e específicos que dele tem. Nessa perspectiva, *enunciador e enunciatário*, constituindo o sujeito da enunciação, assumem ambos a autoria da construção dos sentidos, cuja compreensão e interpretação também são de responsabilidade dos dois: além de o enunciatário se orientar, em seu fazer interpretativo, por um simulacro do enunciador, este, pelo fato de levar em conta o enunciatário a quem se dirige, já inscreve na enunciação as condições e os parâmetros da compreensão. A instância da compreensão é, assim, inerente à da enunciação e, por serem o sujeito da enunciação, enunciador e enunciatário constituem, também, o sujeito da compreensão.

Em qualquer produção discursiva se evidencia essa natureza enunciativa, que, na conversação, no entanto, assume traços específicos pelo fato de os interlocutores se encontrarem face a face. Nessa condição, levar em conta o enunciatário implica o falante construir o seu enunciado - buscando palavras, estruturando a sintaxe, especificando sentidos, abortando formulações, dando-lhes outro rumo, repetindo, parafraseando, corrigindo, lutando por seu turno, sobrepondo-se ao turno do interlocutor, cedendo-o a ele -, conduzido pelo ouvinte,

¹ Segundo Tatit (2002: 205), “o conceito de enunciador deve ser tomado como uma categoria abstrata, cujo preenchimento, numa manifestação específica, faz emergir o que conhecemos como autor, falante, artista, poeta etc.; a noção de enunciatário, igualmente, define-se como categoria por meio da qual se manifestam leitores e fruidores da maneira geral”.

por “sinalizações” deste *in praesentia*. Esse fato atribui à enunciação na conversa um caráter singular que se revela na coordenação *hic et nunc* das ações dos interlocutores no processo de construir sentidos e buscar a intercompreensão.

Para explicar a natureza dessa *coordenação*, Clark (1996: 18-19) a compara com a coordenação que demonstram músicos tocando um dueto ao piano: é diferente a natureza deste desempenho comparada com a da atuação solo de um pianista. Neste caso, todos os aspectos da evolução musical, na apresentação de uma sonata de Mozart, por exemplo, são decididos e controlados por um único artista. A sua ação é uma ação individual e autônoma. É ele o sujeito da performance musical. Já no dueto, a atuação de cada músico é determinada pela do outro, e a sonata de Mozart não se reconhece no desempenho individual de cada um deles, mas sim na ação coordenada dos dois, o que caracteriza uma ação conjunta. Na verdade, essa ação conjunta não deixa de ser realizada por ações individuais, que são, no entanto, de natureza *participativa*, já que constituem *partes* mutuamente complementares e integrantes de um todo (Clark, 1996: 19). O sujeito do espetáculo musical é a dupla e não cada um dos indivíduos isoladamente.

Também, na interação conversacional, as ações individuais do falante e do ouvinte são ações participativas que, no desdobramento conversacional, se coordenam de forma a constituírem uma única ação conjunta. A coordenação que conduz a evolução de uma conversa é, no entanto, distinta da que se revela, por exemplo, no dueto de piano referido. Neste, ao menos em princípio, a coordenação entre os músicos resulta de ações previamente definidas e acertadas. Não é aqui e agora, no momento em que estão sentados ao piano, que decidem como e quando cada qual atuará na ação conjunta. A qualidade de sua atuação decorre de acertos anteriores e, em princípio, de muito ensaio. Na conversa, ao contrário, a coordenação entre falante e ouvinte é “ao vivo”. É no desdobramento da enunciação, aqui e agora, que o falante, conduzido pelas referidas “sinalizações” do ouvinte, “otimizará” (CLARK, 1996) o seu enunciado para que este o compreenda.

Portanto, ambos, falante e ouvinte, constituem o sujeito da enunciação e, ao mesmo tempo, o sujeito da compreensão. Produzir o enunciado e compreendê-lo ou interpretá-lo são ações complementares constituidoras da enunciação. E, se enunciar é construir sentidos, então compreender também o é, o que implica reafirmar que compreender não é uma ação decodificadora, mas, sim, um incessante trabalho interativo de *busca de compreensão* na produção do sentido.

2 A construção do sentido e da significação

Observemos este segmento de interação:

(1)

(T1) Doc. que você acha da televisão estatal?

(T2) Inf. **como estatal? se é do Estado tu quer dizer?**... olha eu não.. não sei se traria vantagem ou desvantagem porque até agora eu acho que não tem no Brasil né não foi adotado

[

(T3) Doc. você não conheceu outro tipo de televisão a não ser a nossa?... (HILGERT, 1997: 37)

O documentador começa fazendo uma pergunta simples e direta, acreditando, obviamente, que ela não ofereça nenhum problema de compreensão a seu interlocutor. Não é o que se verifica na sequência. O informante inicia o turno T2, denunciando que não compreende o sentido de “estatal” (*como estatal?*). Não é a *significação* de “estatal” que ele não entende, mas sim o *sentido* dessa palavra nesse contexto e nessa situação interacional em que ela é usada. Que o problema é de sentido fica evidente na pergunta subsequente: *se é do Estado tu quer dizer?* Nela se destaca a fórmula clássica (*tu quer dizer?*) usada em diferentes variações, tendo em geral o verbo *dizer* como núcleo, para explicitamente definir o sentido de uma palavra ou expressão dentro de um contexto.

Exemplos dessas variações aparecem nestes segmentos extraídos de Hilgert (2009):

(2)

talvez existam países que [...] chegaram a um estágio...eh de desenvolvimento material... bastante:: elevado não é? em termos... atra/ **[quer dizer]** estágio de desenvolvimento material entenda-se bem o conceito... é estágio de desenvolvimento material para o tipo de cultu::ra... que esses países assimilaram... (p. 27)

(3)

questão de vestiário aqui eu acho o gaúcho um... **[eu digo]** a média não a alta sociedade claro [...] o homem comum ... a mulher comum (p. 68)

(4)

o dinheiro dizem que o dinheiro não traz felicidade admito a felicidade ... [vamos dizer] da pessoa entende ? ... assim ... eu sinceramente eu sou feliz mesmo à beça né? não tem não me preocupo com nada ... (p. 80)

Ao formular a hipótese de sentido *se é do Estado tu quer dizer?*, o informante deixa implícito que a palavra “estatal” poderia ter outros sentidos naquele contexto. Por isso, para assegurar-se da compreensão da pergunta de T1, ele não só pergunta ao documentador pelo sentido pertinente *naquela* situação, mas até pela validade da hipótese de sentido que lhe apresenta na sequência.

O fato de o documentador, em T3, dar andamento à entrevista com nova pergunta, sem questionar a resposta dada à anterior (T1), encerra três conclusões implícitas: a) o documentador considera correta a hipótese de sentido proposta pelo informante para a palavra “estatal”; b) ele também admite que a fala subsequente a essa hipótese (*olha eu não.. não sei se traria vantagem ou desvantagem porque até agora eu acho que não tem no Brasil né não foi adotado*) é uma resposta ao menos satisfatória a sua pergunta em T1; c) por fim, por ser satisfatória, a resposta do informante atesta a compreensão do sentido da pergunta inicial, ou seja, a resposta constitui um “documento de compreensão” (DEPPERMAN e SCHMITT, 2008) dessa pergunta.²

Em síntese, nessa breve análise introdutória ao presente tópico, diferentes questões se destacam: a) significação e sentido são conceitos distintos; b) o domínio da significação de um elemento linguístico não garante a pronta identificação de seu sentido dentro de um enunciado produzido em situação concreta de interação; c) esse sentido emerge, muitas vezes, de um trabalho interativo explícito de construção e definição; d) no desdobramento da interação, o sentido do enunciado – no todo ou em parte – do falante só se revela definido quando seu interlocutor atesta, implícita ou explicitamente, que o identificou, ou seja, quando o interlocutor documenta a compreensão desse sentido.

Nas interações linguísticas cotidianas não é a *significação* das palavras que, em geral, desencadeia problemas de compreensão, e sim o *sentido* que elas assumem, *hic et nunc*, no processo da enunciação.

² Por “documentação da compreensão” Deppermann e Schmitt (2008:222) identificam “todas as atividades com as quais os participantes da conversa tematizam e mostram e, assim, pressupõem que chegaram a uma determinada compreensão”.

Segundo Fiorin (2003: 168-169),

a significação é o produto das indicações linguísticas dos elementos componentes da frase. Assim, a significação de *Está chovendo é Tomba água do céu*. O sentido, no entanto, é a significação da frase acrescida das indicações contextuais e situacionais. Num contexto em que se comenta o problema do racionamento de energia derivado do esvaziamento das represas das hidrelétricas, *Está chovendo* pode significar *Agora o racionamento vai acabar*.

Deppermann (2006: 13) reforça essa distinção, ao afirmar que “o sentido que uma palavra assume em seu uso não é simplesmente dado por significações lexicais válidas fora de contexto. O sentido da palavra é muito mais produzido pelos usuários da língua dentro de um contexto”. Portanto o sentido não é preestabelecido pelo sistema da língua nem fornecido por um acervo lexical mental do falante, mas sim, cada vez construído em função das exigências linguísticas e situacionais do momento da comunicação. Em suma, a noção de sentido implica interação, porque ele só emerge do trabalho dos interlocutores em busca de intercompreensão.

A significação é, então, o valor semântico das frases e das palavras que as constituem, fora de contexto, isto é, desvinculadas da linguagem em uso nas práticas sociais. Mas quando a *frase* é pronunciada em situação de comunicação, constituindo enunciação, ela se torna *enunciado* e, por isso, assume sentido (BAKHTIN, 2003, 2010; CLARK, 1992). Este estudo, por envolver interações face a face, isto é, a linguagem em uso, ocupa-se de *enunciados* cuja compreensão envolve a construção de sentidos e menos frequentemente de significações (CLARK, 1992: xiii).

No entanto, essa distinção entre significação e sentido não desvela a real natureza do processo da construção do sentido e da compreensão. Na verdade, a relação entre significação e sentido é indissociável. Por mais criativo e inovador que seja o sentido atribuído a uma possibilidade pré-configurada no sistema linguístico em determinado contexto, ele jamais estará desvinculado de sua significação.

Segundo Franceschini (2006: 119-120), a relação da significação léxico-sintática com o sentido contextual e situacionalmente determinado se define como um “movimento pendular”. Se o sentido se constitui na atualização sempre única e singular da significação, esta, por sua vez, em cada atualização, potencialmente

se renova, se reconfigura. O pêndulo, portanto, se move da significação para o sentido, e este o impulsiona para a significação. Sentidos, por uso reiterado nas interações, sedimentam-se em novos traços de significação, imprimindo à língua mudança, transformação, dinamismo e vida, conforme atesta a história das línguas (COSERIU, 1988; HUMBOLDT, 2002; BAKHTIN, 2003). Nessa perspectiva deve-se entender que, em última instância, não há significação na língua que não emane da produção dos sentidos.

Com base nessa relação entre significação e sentido, Francischini (2006: 119-120) propõe duas formas de compreensão: a linguística e a situacional. A primeira é a compreensão da significação na língua; a segunda, a compreensão dos sentidos emergentes no ato da enunciação.

A compreensão linguística é condição pressuposta para a compreensão dos sentidos. A ausência dessa condição na competência linguística de um dos participantes da interação interrompe o fluxo de compreensão por duplo motivo: inicialmente pela lacuna da significação em si e, em decorrência, pela impossibilidade de percepção do sentido que o domínio da significação traria para um determinado momento do discurso em evolução.

Na “forma padrão de uso da linguagem”, que “pressupõe convívio e trata de comunicação entre membros de uma mesma comunidade e de um idêntico universo cultural” (WEIGAND, 1999, p.764), são menos comuns problemas de compreensão decorrentes de lacunas de *significação*. Eles são, no entanto, comuns, em relações comunicativas assimétricas nas quais o falante se dirige, na linguagem própria de sua especialidade profissional, a um ouvinte que não domina esse jargão. É o caso, por exemplo, da relação professor-aluno. Introduzir os alunos em determinada matéria obriga o mestre a manter sob constante controle, ao mesmo tempo, o processo de construção da significação e do sentido. Procedimentos com esse fim são as recorrentes perguntas do tipo *estão compreendendo?*, *está claro?*, *entenderam?*, *alguma dúvida?*

Observemos este exemplo:

(5)

Bloom e outros colaboradores fizeram vários estudos ... que abrangeu as as as a:: três áreas da personalidade ... a área cognitiva afetiva e psicomotora ... mas nesse exato momento nós estamos apenas ... com a área cognitiva ... **está claro até aqui? ... o que é uma taxionomia?** ... por que um professor

deve conhecer uma taxionomia e utilizá-la ... não que NE-ces-sariamente ele precise saber que neste momento o aluno está (HILGERT, 2007: 73)

À primeira vista, a pergunta *está claro até aqui?* é da prática retórica de uma aula expositiva, isto é, o professor faz perguntas como essa, movido por uma espécie de impulso inconsciente, visando à obtenção de um *feedback* dos alunos. Com frequência esse *feedback* é silencioso ou, no máximo, expresso pelo olhar ou por algum aceno de cabeça. Há ocasiões, no entanto, em que ele é dado por meio de reposta verbal de algum aluno, dizendo que não compreendeu um aspecto da exposição ou dirigindo ao professor um pedido por mais detalhes explicativos, que tanto podem ser da ordem da significação quanto do sentido.

A pergunta subsequente no segmento em observação (*o que é uma taxionomia?*) revela explicitamente o propósito do professor de introduzir a significação da palavra *taxionomia*, para, então, construir-lhe o sentido e a compreensão na interação em desenvolvimento.

O exemplo aqui considerado é uma interação no âmbito do ensino, que é o lugar por excelência para a apresentação de novos termos cujas significações precisam ser definidas para, só então, os sentidos deles, em diferentes contextos da evolução da exposição, sejam construídos e compreendidos. A construção do sentido e da compreensão pressupõe, portanto, como já dissemos, o domínio da significação. Sem o conhecimento do uso padrão da palavra, a modalização dela, na criação de sentidos, se inviabiliza. Dessa modalização trataremos a seguir.

3 Evidências linguístico-discursivas da construção meta-enunciativa do sentido

Na interação face a face – situação em que se constrói o texto falado –, formulação e planejamento coincidem. Em outras palavras, quando a conversa flui sem preparação prévia e sem destino pré-definido, a emergência do que se diz e do modo de dizê-lo é praticamente simultânea. Essas condições de produção imprimem no texto características específicas como pausas, interrupções, hesitações, repetições, paráfrases, correções e outras já focalizadas em diferentes estudos³. No contexto dessas marcas, chama particular atenção a recorrente

³ Entre esses tantos estudos, destaquem-se, aqui, os publicados em Jubran e Koch (2006).

remissão dos falantes ao ato de formulação linguística em si, seja comentando e avaliando o próprio dizer ou negociando a palavra “certa” com o interlocutor; seja explicitando o trabalho de busca da formulação adequada ou qualificando o sentido das escolhas feitas.

Os procedimentos discursivos dessa natureza pertencem à ordem da *meta-enunciação* na evolução da conversa. Entende-se por meta-enunciação todo procedimento linguístico-discursivo em que o falante, no desdobramento da interação, se reporta ao dizer em si e não ao dito. As formas meta-enunciativas são “estritamente reflexivas” e “correspondem a um desdobramento no âmbito de um único ato de enunciação; há um dizer do elemento linguístico realizado por um comentário desse dizer” (AUTHIER-REVUZ, 1998: 84). A atividade meta-enunciativa é, portanto, um dizer sobre o dizer. Nela o falante distancia-se, por um momento, do “conteúdo” e observa as palavras com as quais o expressou.

Esse dizer sobre o dizer é obviamente inerente ao processo de construção dos sentidos, já que, por meio dele, o falante *modaliza* o seu dizer, manipulando e negociando o uso das palavras e papéis interacionais e, assim, instalando um outro ponto de vista no processo da construção do enunciado.

No dizer de Authier-Revuz (2004: 82-83),

tal modalização suspende localmente, no termo visado, o caráter absoluto, inquestionado, evidente, o ‘óbvio’ vinculado ao uso-padrão das palavras. A modalização confere a um elemento do dizer o estatuto de uma ‘maneira de dizer’, relativizada (mesmo que seja para valorizá-la) dentre outras.

Nesse sentido, a atividade meta-enunciativa revela em relação a seu escopo (o enunciado sobre o qual ela incide) uma “não-coincidência”, na medida em que “o enunciador não se ‘faz uno’ no seu dizer, mas produz uma clivagem nesse dizer, distanciando-se de suas palavras, como um autocomentador de si mesmo” (AUTHIER-REVUZ, 1998: 84). A natureza dessa não-coincidência é determinada pela função que a modalização exerce naquele ponto da enunciação e pela identidade do elemento modalizado.

São quatro as categorias de não-coincidências distinguidas por Authier-Revuz (1998, 2004): as não-coincidências interlocutivas, as não-coincidências entre as palavras e as coisas, as não-coincidências do discurso consigo mesmo e as não-coincidências das palavras consigo mesmas.

Para melhor compreender a noção de não-coincidência e, ao mesmo tempo, identificar cada um dos quatro tipos apresentados por Authier-Revuz, façamos uma breve análise das passagens em negrito destacadas nos segmentos de fala a seguir.⁴ Antes disso, porém, relembremos que toda meta-enunciação implica dois componentes: a) o dito ou o que vai ser dito; b) o dizer sobre o dito ou sobre o que vai ser dito. O primeiro componente é, portanto, o *escopo* do segundo, constituindo este último a atividade meta-enunciativa propriamente dita.

As *não-coincidências interlocutivas* “representam o fato de que um elemento não é imediatamente ou não é absolutamente compartilhado – no sentido comum – pelos dois protagonistas da enunciação” (AUTHIER-REVUZ, 2004: 83).

(6)

L2 - eu acho u::ma válida ideia ... e acho fundamental ()

[

L1 - claro...eu também acho **se vocês permitirem** eu só vou fazer uma uma observação que pra mim é bastante importante (p. 35)

Em (6), L1 pede explicitamente permissão a seus interlocutores (L2 e o documentador) para fazer uma observação ao que foi anteriormente abordado pelos três. Nesse pedido de permissão fica, de certa forma, implícito que poderá não haver pleno compartilhamento entre os pontos de vista dos outros dois.

As *não-coincidências do discurso consigo mesmo* “assinalam, no discurso, a presença de palavras pertencentes a um outro discurso” (AUTHIER-REVUZ, 2004: 83)

(7)

L2 - bom eu sou magro e **talvez de sem-vergonha** está? **como dizem na gíria** porque:: ... não é que eu seja um bom prato mas eu como muito seguido ... (p. 58)

Em (7), L2 atribui a expressão “talvez de sem-vergonha” a um outro enunciador, genérico, não identificado, ao dizer “como dizem na gíria”. É esta

⁴ Todos os segmentos de fala analisados daqui para frente, no texto, foram extraídos de Hilgert (2009: 15-80).

última expressão que tem caráter meta-enunciativo, pois é por meio dela que L2 qualifica o dizer anterior (o escopo da atividade meta-enunciativa) como gíria e instala no enunciado uma outra fonte enunciativa e, por isso, um outro discurso.

As não-coincidências entre as palavras e as coisas “representam as buscas, hesitações, fracassos, sucessos... na produção da ‘palavra exata’, plenamente adequada à coisa” (AUTHIER-REVUZ, 2004: 83).

(8)

L2 - sem exercício ... **o músculo é:: ... como é que eu vou dizer pra vocês ... é uma:: um eLÁStico... tem uma fibra elástica ...** quanto mais tu trabalhares mais ela s/ ela se distende né ? (p. 67)

Em (8), o segmento em negrito revela um trabalho de busca lexical, de denominação, que vem explicitado não só na expressão “como é que eu vou dizer pra vocês”, mas também pelo contexto de alongamentos e pausas – configurando um quadro de incerteza e hesitação – em que essa expressão se insere. Em suma, trata-se de buscar a palavra “certa” para a “coisa” que se quer denominar.

As não-coincidências das palavras consigo mesmas dão evidência ao fato de que as palavras não são monossêmicas, mas semanticamente abertas, imprecisas, incompletas, necessitando, por isso, de especificação de seus sentidos nos diferentes contextos (AUTHIER-REVUZ, 1998 e 2004).

(9)

L1 - e::... estas tensões... [*os interlocutores vêm falando de tensões sociais*] permanentes... fazem... em determinado momento::... eh:: fazer aparecer... eclodir né?... conflitos... ou se manifesta se explicitam de forma bem... eh **incisiva... incisiva** PARA o todo social... **incisiva [no sentido de REadequação daquele todo social]** que está... que foi ferido... que foi chocado que foi traumatizado... e que em determinado momento não suPORTOU aquela tensão e:: teve que vomitar... a tensão... (p. 16)

Em (9), há um dizer do enunciador – o segmento entre colchetes –, restringindo o sentido de **incisiva** no contexto desse enunciado. Por meio desse procedimento meta-enunciativo, L1, pelo fato de estabelecer os limites de sentido da palavra neste contexto, dá a entender que, fora do contexto, essa palavra é semanticamente vaga e imprecisa, fato que, sem a intervenção meta-enunciativa,

poderia levar a problemas de compreensão. Neste último tipo de não-coincidência, ocorre a suspensão da fala não para buscar palavras ou expressões para denominar as “coisas”, mas sim para singularizar o sentido das “coisas” já denominadas.

As atividades meta-enunciativas são procedimentos de construção de sentidos adotados por determinação interativa. Eles se impõem, no desdobramento da interação, ora para negociar a adequação, a propriedade, a conveniência no uso das palavras e assinalar o discurso a que pertencem; ora para especificar ou ampliar sentidos e buscar formulações adequadas para configurá-los de forma tal que assegurem a compreensão desejada em dado momento do percurso interativo. Cada uma das quatro categorias é constituída por procedimentos de natureza específica, mas que se realizam em formulações variadas.

Não há espaço, no presente artigo, para tratarmos da natureza e das diferentes realizações dos procedimentos meta-enunciativos de cada uma das quatro categorias. Por isso, vamo-nos restringir às duas últimas, a das *não-coincidências entre as palavras e as coisas* e a das *não-coincidências das palavras consigo mesmas*. Em outras palavras, observaremos: a) a construção do sentido em situações de interação em que o falante anuncia, quase sempre de forma explícita, que não lhe ocorre a formulação adequada para a necessidade de denominação naquele ponto da evolução do texto; que está buscando essa formulação; que tem dúvidas e incertezas quanto à propriedade da denominação escolhida; ou que apresenta soluções aproximativas; b) a construção do sentido em situações de interação em que o falante se vê impelido a restringir a amplitude semântica das palavras, atribuindo-lhes um sentido específico em determinado contexto e situação, evitando, assim, problemas de compreensão ou mal-entendidos. Para essa breve análise, nos valeremos de segmentos de fala extraídos de Hilgert (2009:15-80). Não temos nenhum propósito de fazer uma análise exaustiva das formas em que os procedimentos meta-enunciativos podem-se revelar. De cada uma das duas categorias, focalizaremos alguns exemplos, cuja análise trará, a nosso ver, uma percepção suficientemente clara de como os interlocutores procedem, no âmbito das atividades meta-enunciativas, na construção interativa dos sentidos e da intercompreensão.

3.1 A construção do sentido no trabalho meta-enunciativo de busca da denominação “adequada”

Para explicitar essa atividade meta-enunciativa, apresentamos, a seguir, cinco segmentos de fala. Analisaremos, inicialmente, cada um deles do ponto de vista de sua formulação, dando evidência, assim, aos procedimentos formais – linguísticos e para-linguísticos - por meio dos quais o falante busca o termo “adequado” para dizer o que pretende dizer. A seguir, numa abordagem conjunta dos cinco segmentos, tentaremos explicitar o que essas diferentes formulações revelam em relação à construção dos sentidos e da compreensão.

(10)

L2 - com o chope eles dilatam ... ficam com aquele baita barriga então querem saber por quê ... ou então eles PAraram de de tomar ... e:: a musculatura começa a ficar um pouco flácida ... mas aí não retorna nunca ... sem exercício ... **o músculo é:: ... [como é que eu vou dizer pra vocês?] é uma:: um eLÁstico ... tem uma fibra elástica ... quanto mais tu trabalhares mais ela s/ ela se distende né? (p. 67)**

(11)

L1 - o celibato clerical obrigatório ... como é para ... algumas igrejas ... **éh:: não me parece algo... olha... não me parece algo civilizado ... me parece algo[assim] ...**

Doc. -extremamente

L1 - **fora do contexto...** não tem sentido nenhum nem eu acho que nem vale a pena ...se quiserem a gente pode discutir pode ()

[

L2 - é como o fato de usar batina entende? é o mesmo caso não teria por que () o sujeito usar aquelas vestes longas pretas (p. 37)

(12)

[*O documentador solicita aos informantes a opinião que têm da classe média brasileira.*]

L1 - qualitativamente mas não existencialmente né? [**Vamos dizer assim isto] formalmente...** mas como nós caracterizamos a classe média

como... aquele nível aquela parte de sustentação do status político social econômico et cétera...a... parte de amortização entre a força

L2 - **teoricamente** é isso (p. 44-45)

(13)

L1 - termos mais genéricos possíveis... que talvez existam países que na procura no afã de satisfazer... **conglomerados humanos [por assim dizer]**... que na tentativa de satisfazer as necessidades humanas permanentes... chegaram a um estágio...eh de desenvolvimento material... bastante:: elevado não é? (p. 27)

(14)

Doc. é o que que vocês acham dessa tendência atual **da:: [digamos assim] ...escolas técnicas** quer dizer levar mais para o ensino levar mais para o lado técnico e não só do humanismo? (p. 35)

(15)

L1 - a força verdadeira de trabalho e a parte de pensamento elocubrações e... e:: manifestações posições políticas et cétera ...então me parece o seguinte ... aí então é a mesma...pro resto do mundo está com os mesmos problemas ... eh:: sente-se porque (se) concentrando nas grandes metrópoles sente também os problemas **a nível máximo... [digamos] a nível mundial** ... (p. 45)

Em todos os segmentos fica evidente que o trabalho de busca da denominação adequada para a expressão do sentido é marcado por manifestações de hesitação, reveladas, especialmente, em pausas mais frequentes e alongamentos vocálicos. Observa-se, portanto, um ritmo mais lento no fluxo da fala, fato que é uma característica geral do processo de busca do elemento lexical apropriado.

Considerando, agora, cada um dos cinco segmentos, verifica-se, em (10), uma manifestação explícita de busca da palavra adequada (*como é que eu vou dizer pra vocês?*). Trata-se de uma pergunta que o falante se faz a si mesmo, mas que encerra explícito apelo de ajuda aos interlocutores. Esse fato põe o trabalho de denominação no âmbito da interação. É preciso considerar que a formulação do falante é acompanhada *on line* por seus interlocutores, o que possibilitaria a qualquer momento, a intervenção de um deles para sugerir uma formulação possível.

Em (11) vai justamente se explicitar esse caráter interativo do trabalho de denominação. O falante, depois de um longo percurso hesitante, vê interrompido seu processo de busca pela intervenção do documentador. Este somente dá *início* a uma tentativa de colaboração (*extremamente*), pois logo tem seu propósito abortado pela conclusão que L1 dá a seu próprio turno (*fora do contexto*). Destaque-se que o elemento especificamente meta-enunciativo nesse segmento é o “assim”. Foi ele, seguido de uma pausa alongada (*assim...*) que, de certa forma, ensejou a intervenção do documentador. No *corpus* analisado, esse termo é a forma mais recorrente para apontar o *caráter aproximativo* (BLANCHE-BENVENISTE, 1990) das soluções encontradas ou por encontrar, no trabalho de denominação. Muitas vezes, o “assim” vem acompanhado de expressões “dicendi”, em geral centradas no verbo *dizer*.

Em (12), por exemplo, esse dado se revela na expressão meta-enunciativa “Vamos dizer assim isto”, cujo escopo é “formalmente”. Por meio dessa formulação encerrou-se para o falante em curso (L1) o processo de busca lexical. No entanto, com o avanço da interação, o interlocutor L2, apresenta, a seu ver, uma denominação mais precisa e definitiva (*teoricamente é isso*). Mais uma vez fica explícito, neste caso, o caráter interativo tanto da formulação quanto da construção do sentido e da compreensão que por meio da formulação se realiza.

Nos exemplos (13) e (14), o “assim” retorna em contextos semelhantes ao anterior. No primeiro aparece “por assim dizer”, incidindo sobre o escopo “conglomerados humanos”; no segundo, “digamos assim”, que tem por escopo o sintagma “escolas técnicas”.

Por fim, no exemplo 15, o termo meta-enunciativo é “digamos”. Seu escopo é a expressão “a nível mundial”, que, no contexto, representa para o falante a solução formal mais próxima para explicitar o sentido em questão.

Nesses cinco exemplos estão representados, sem dúvida, os recursos mais recorrentes para, meta-enunciativamente, marcar o processo de busca das palavras “certas” para as “coisas” a serem denominadas. A estas palavras “certas”, na verdade, em muitos casos, os falantes nunca chegam. Eles contentam-se em formulações *aproximativas*, mas nem por isso menos eficazes em garantir a intercompreensão. O sentido e a compreensão, muitas vezes, emergem do *processo de busca* em si, que é determinado tanto pelas ações retrospectivas dos interlocutores da interação em curso quanto pela percepção prospectiva que eles têm da evolução dessa interação. Há situações, inclusive, em conversas cotidianas

(nenhum caso desses se apresentou em nossos dados), em que o falante expressamente confessa que não lhe ocorre o termo preciso para dizer o que gostaria de dizer, e o interlocutor, mesmo assim, o tranquiliza, respondendo-lhe algo como “tudo bem, já entendi o que você quis dizer”.

Fica evidente, nessas considerações, que o sentido e a compreensão não estão atrelados necessariamente à definição lexical precisa. Nem se deve entender a busca dessa definição como a tentativa de encontrar um rótulo para um conceito pré-definido, como se o falante soubesse com clareza o que dizer, mas só lhe faltasse a forma de o traduzir linguisticamente. O sentido e a compreensão podem emergir do processo de busca, na medida em que ele se realiza de forma interativa, com ambos os interlocutores necessariamente nele envolvidos.

3.2 A construção do sentido no trabalho meta-enunciativo de delimitação da amplitude semântica das palavras

Também aqui apresentaremos cinco segmentos de fala, que serão, primeiramente, analisados do ponto de vista de suas características formais. A seguir, interpretaremos as manifestações meta-enunciativas do ponto de vista da construção do sentido e da compreensão, em sintonia com o objetivo deste trabalho.

(16)

L1 - agora vamos então vamos distinguir a pergunta de vocês... vocês querem... éh:: **o sentido da pergunta qual é? crise em que sentido?** econômico social político ... (p. 15)

(17)

Doc. -vocês acham que o adolescente em geral se preocupa com o corpo ?... **aparência?**

L1 - olha

L2 - **aparência externa tu dizes?** ... (p. 54)

(18)

L2 - questão de vestiário aqui eu acho **o gaúcho um... eu digo a média não a alta sociedade** claro que a alta sociedade vamos dizer carioca paulista e ... financeiro ... o status deles a média é maior né? ... (p. 68)

(19)

L1 - o ensino... é a projeção... é a projeção... sempre necessariamente ...
é a projeção... ahn:: **oficiosa ... não diria oficial mas a projeção
oficiosa...** de um determinado contexto social... político...econômico
... religioso... de uma determinada sociedade... (p. 35)

(20)

L2 - eu tô falan/é não eu tô falando em cooperativas num:: ah::

L1 - **no sentido ortodoxo**

L2 - é nas cooperativas que nós temos aqui no sul... essas... empresas...
que temos aqui (p. 46)

A atividade meta-enunciativa aqui em foco realiza-se, em princípio, de duas formas: a) o falante busca informação sobre o sentido de uma palavra ou expressão empregada pelo interlocutor em turno anterior; b) o falante, ele próprio, define o sentido de palavras ou expressões de seu turno, prevenindo, assim, problemas de compreensão de seu interlocutor. No primeiro caso, portanto, a manifestação meta-enunciativa tem como escopo a fala do interlocutor; no segundo, o escopo situa-se no próprio turno do falante.

Em (16), vem exemplificada a primeira dessas formas. Perguntado sobre crises internacionais, L1 encontra-se diante de um problema de compreensão decorrente da amplitude semântica da palavra “*crise*” usada pelo documentador. Em razão disso, faz-lhe um apelo para restringir o sentido dessa palavra (***o sentido da pergunta qual é? crise em que sentido? econômico social político***).

Em (17), evidencia-se um caso de natureza similar. L2 pede que o documentador delimite o sentido da palavra “aparência”, no contexto da interação em andamento. A diferença em relação ao exemplo anterior está no fato de que, neste exemplo, o falante (L2) apresenta ao interlocutor uma hipótese de sentido (***aparência externa tu dizes?***), deixando a este a possibilidade de confirmar essa hipótese ou, então, de a negar, fato que levaria o documentador a se manifestar sobre o sentido da palavra em questão.

Em (18), a atividade meta-enunciativa incide sobre a própria fala de L2 (*gaúcho*), delimitando o sentido desse termo em sua fala, isto é, dizendo que se refere ao gaúcho médio e não ao da alta sociedade (***eu digo a média não a alta sociedade***).

Em (19), o escopo da atividade meta-enunciativa está também no turno do próprio falante. Trata-se da palavra “oficiosa”, cujo sentido vem definido pelo que ela não deve ser entendida (*não diria oficial mas a projeção oficiosa*).

Em (20), por fim, temos um caso em que o processo de definição do sentido é explicitamente interativo. L2 deixa a entender, em seu turno, que está tentando delimitar o sentido da palavra “cooperativas”. Como essa tentativa se realiza num quadro de hesitação, L1 se antecipa e apresenta uma hipótese de sentido (*no sentido ortodoxo*), com a qual L2 concorda quando diz “é”, no início do turno subsequente. Na verdade, neste exemplo, confluem os dois procedimentos de meta-enunciação estudados no presente artigo, já que a hipótese de sentido feita por L1 consiste, ao mesmo tempo, numa atividade colaborativa de L1, destinada a L2 encontrar a palavra “certa” para denominar o sentido de “cooperativas” nesse contexto.

O que se destaca na observação desses segmentos de fala é que a atividade meta-enunciativa em questão decorre da própria natureza das palavras, que são semanticamente abertas, imprecisas, incompletas e precisam, portanto, da especificação de seus sentidos em cada novo contexto e situação. E muitas vezes isso ocorre por um dizer explícito ou por formas em que esse dizer está implicitamente inscrito.

Considerações finais

Em relação ao tópico da construção do sentido no trabalho meta-enunciativo de busca da palavra “certa”, a nossa breve análise mostrou ser comum, na evolução das interações face a face, não ocorrer ao falante uma formulação pronta e fluente. As escolhas sintático-lexicais constitutivas dos enunciados e de seus sentidos emergem no aqui e agora do andamento da interação, sujeitas a todas as condições de seu desdobramento. Essa emergência se dá por meio de um trabalho interativo de gradativa busca de uma palavra ou expressão adequada ou “certa” para a construção de um sentido, em determinado ponto do curso interacional. Essa busca se realiza por meio de uma *aproximação lexical*, que documenta “ao vivo” a gradativa elaboração do conceito, mostrando que é no trabalho da formulação que o sentido se constrói. E, pelo simples fato de o ouvinte ser testemunha *on line* dessa construção, ele se torna co-construtor desse sentido.

No que respeita ao tópico que trata do trabalho meta-enunciativo de delimitação da amplitude semântica das palavras, ficou evidente que a construção do sentido e da compreensão nem sempre encontram cobertura nos recursos definidos

no sistema. Segundo Clark (1992: xviii), o que um falante quer dizer com uma palavra “vai com frequência muito além do que se poderia encontrar no verbete dessa palavra no dicionário”. Ora essa cobertura é ampla demais, ora demasiadamente redutora, razões que obrigam os falantes a um constante trabalho de precisão dos sentidos das palavras em função do contexto e da situação de seu uso.

Deve-se admitir, portanto, que, fora de seu uso, as palavras se caracterizam pela incompletude semântica, ou seja, elas são, do ponto de vista semântico, abertas e com limites indefinidos. A cada novo contexto, a cada nova situação de uso de uma palavra, os falantes se deparam com o desafio de redefinir-lhe o sentido. Esse fato, no dizer de Brinker e Sager (1989: 117), representa para a linguagem cotidiana uma grande vantagem, “pois precisamente nessa ‘fértil’ imprecisão é que se tornam visíveis a riqueza e as possibilidades quase ilimitadas de uma linguagem usada para o diálogo”. Na construção da conversa, os falantes estão constante e conscientemente empenhados em reduzir essa “vaguidade”, buscando formulações o mais possível precisas para as necessidades da mútua compreensão e dos objetivos da comunicação. É justamente esse empenho que instala na enunciação os procedimentos meta-enunciativos que focalizamos nesse tópico.

Em síntese, cabe destacar que tanto o processo de busca da palavra “certa” quanto a delimitação do sentido das palavras para cada novo contexto e situação não são tarefas unilaterais do falante. Elas consistem, isso sim, no trabalho do falante, em coordenação com o ouvinte, em construir, aqui e agora, o sentido dos enunciados. Os sentidos são construídos em função de um fazer interpretativo do ouvinte. Também, do lado desse, não se verifica uma atuação isolada por meio da qual lhe caberia, na metáfora de Brinker & Sager (1989: 126), “desempacotar” um conteúdo remetido pelo falante. A interpretação é construída pelo ouvinte na esteira das “instruções” - da proposta de compreensão - fornecidas pelo falante. O que implica dizer que, assim como o fazer atribuidor de sentidos é determinado pelo ouvinte, o fazer interpretativo (a compreensão) é orientado pelo falante. E o processo de construção do sentido e da compreensão, particularmente nas interações faladas, se explica e se entende nesse fazer convergente.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline (1998). *Palavras incertas* : as não-coincidências do dizer. Campinas, SP : Editora da Unicamp.

HILGERT, J. G. A construção do sentido...

_____. (2004). *Entre a transparência e a opacidade : um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre : EDIPUCRS.

BAKHTIN, Mikhail (2010). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 14. ed. São Paulo : Hucitec.

_____. (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo : Martins Fontes.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire (1990). *Le français parlé: études grammaticales*. Paris: CNRS.

BRINKER, Klaus & SAGER, Sven Frederik (1989). *Linguistische Gesprächsanalyse: eine Einführung*. Berlin: Erich Schmidt.

CLARK, Herbert (1992). *Arenas of language use*. Chicago: The University of Chicago Press & Center for the Study of Language and Information.

_____. (1996). *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press.

COSERIU, Eugenio (1988). Humboldt und die moderne Sprachwissenschaft. In: ALBRECHT, Jorn, LUDTKE, Jens u. THUN, Harald (hgb). *Energeia und Ergon: sprachliche Variation – Sprachgeschichte – Sprachtypologie*. Studia in honorem Eugenio Coseriu. Tübingen: Narr, s. 3-11.

DEPPERMAN, Arnulf (2006). Von der Kognition zur verbalen Interaktion: Bedeutungskonstitution im Kontext aus Sicht der Kognitionswissenschaften und der Gesprächsforschung. In: DEPPERMAN, Arnulf; SPRANZ-FOGASY Thomas (orgs.). *be-deuten : wie Bedeutung im Gespräch entsteht*. 2. ed. Tübingen : Stauffenburg-Verl., 2006, p. 11-33.

DEPPERMAN, Arnulf; SCHMITT, Reinhold (2008): Verstehensdokumentation: Zur Phänomenologie von Verstehen in der Interaktion. In: *Deutsche Sprache* 3/08, p. 220-245.

FIORIN, José Luiz (2003). Pragmática. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, p. 161-185.

FRANCESCHINI, Rita (2006). Bedeutungskonstitution mittels sequenzieller Erwartungen am Beispiel des “Quase-italienisch” von Deutschsprachigen. In: DEPPERMAN, Arnulf u. SPRANZ-FOGASY (Hrsg.). *be-deuten: wie Bedeutung im gespräch entsteht*: 2. ed. (1. ed. Em 2002). Tübingen: Stauffenburg.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph (2008). *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto.

HILGERT, José Gaston (org.) (1997). *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: diálogos entre informante e documentador*. Passo Fundo/Porto Alegre: EDIUPF e Editora da Universidade (UFRGS).

_____. (org.) (2009). *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: diálogos entre dois informantes*. Florianópolis: Insular.

HUMBOLDT, Wilhelm von. Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts. In: FLINTER, Andreas u. GIEL, Klaus (org.). *Wilhelm von Humboldt – Schriften zur Sprachphilosophie*. 9. ed. Vol. III (Obra em cinco volumes). Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2002.

JUBRAN, Clélia Candida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore G. Villaça. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 2006.

TATIT, Luiz (2002). A abordagem do texto. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística I: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, p. 187-209.

WEIGAND, Edda (1999). Misunderstanding: the standard case. *Journal of Pragmatics* 31: 763 -785.

Recebido em 23/10/2012

Aprovado em 13/11/2012